

FARJALLAT, Célia Siqueira. *Folclore no nordeste*. Correio Popular, Campinas, 20 ago., 2001.



CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Folclore do Nordeste

O folclore nordestino não abrange apenas aquela região geográfica, mas também outras regiões, devido às migrações. Apresenta material riquíssimo, como artesanato, cozinha, lendas, provérbios, danças, contos, culinária e literatura de cordel, tudo bem temperado de humor.

Mestres nesta ciência e arte, brilham os nomes de Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, José Lins do Rego e outros, como o saudoso colega de redação Francelino Piauí, que pertenceu à Academia Campinense de Letras, ao Centro de Ciências, e foi autor, dentre outros, de um livro repleto de sabedoria: Sarapatel.

Trata-se de um livro raro hoje em dia, mas que está a merecer nova edição. O prefácio foi feito por Tomé Cabral, que enalteceu a iniciativa do Piauí e disse que a infiltração de outras culturas, especialmente das cidades, poderia prejudicar a autenticidade da cultura popular nordestina.

Por isso, lembrou que não se deveria estranhar o emprego de gírias de malandros, criminosos, hippies ou de futebol nos lugares mais recuados, enquanto expressões regionais vão ficando, aos poucos, esquecidas ou desprezadas.

Como exemplos da saborosa linguagem nordestina, captada por F.S. Piauí, podemos citar: "tatu enfezado" (pessoa baixinha, gordinha e enfezada), "aperreado" (atribulado, preocupado), "macacoa" (mau humor), "fusuê" (confusão), "promode" (por amor de...), "desinfeliz" (muito infeliz), "cavalo-de-cão" (sujeito inquieto), "parrola" (papagaio), "cabra da peste" (sujeito valente) e muitos mais.

Mario Sette (1886-1950) publicou 25 volumes entre contos, novelas, romances e crônicas, e estudou termos folclóricos. Ficou famoso com a explicação do termo "bendengó", nome de um aerólito, caído no interior da Bahia. Ah, o que se falou dele! Transformou-se até em nome de tecido e feitiço de cabelo. "Tanta tolice que fede/ tanta asneira que faz dó/ gaforinha de moleque/ já se chama bendengó".

O folclorista paraibano Alcides Bezerra (1981-1938) deixou vários estudos, entre eles Restos de Antigos Cultos na Paraíba, Demopsicologia e Análise Psicológica de um Romance. Ele explica a universalidade das adivinhas. Diz que são encontradas tanto entre os selvagens como entre os povos que atingiram altos graus de civilização, como os antigos gregos e romanos. Nos povos primitivos, as adivinhas persistem. Não são meras brincadeiras de crianças, mas um ciência rudimentar.

As adivinhas são comuns no Nordeste. "Tem dentes e não come, tem barba e não é homem (alho)"; "alto como torre, branco como papel/ doce como mel/ amargo como fel (coco)"; "na casa está calado, no mato está batendo (machado)"; "tem pé e não anda, tem olhos e não vê/ é danado para arder (urtiga)"; "quanto mais tira, maior fica (buraco)".

Em Os Sertões, Euclides da Cunha, que era carioca, escreveu: "Como ninguém ainda o fez, a opulência do folclore nordestino, a firmeza de suas crenças, a valentia do povo, a coragem em todas as provações, especialmente nas secas periódicas são dignas de admiração". Aliás, o autor de Os Sertões conheceu como ninguém aquela região brasileira, repleta de originalidade e beleza.